

A decepcionante teoria econômica

Valor Econômico - Martin Wolf - 21/03/2018

A economia, como a medicina (e ao contrário, por exemplo, a cosmologia), é uma disciplina prática. Seu objetivo é tornar o mundo um lugar melhor. Isto é particularmente verdadeiro para a macroeconomia, inventada por John Maynard Keynes em resposta à Grande Depressão. Testar essa disciplina é verificar se seus praticantes compreendem o que pode dar errado na economia e como corrigir o problema. Quando a crise financeira que irrompeu em 2007 apanhou a profissão quase completamente desavisada, ela falhou no primeiro desses testes. Teve desempenho melhor no segundo. Apesar disso, ela precisa ser reconstruída.

Num blog no " Financial Times " em 2009, Willem Buiter, hoje no Citi, argumentou que: "a maioria das principais inovações teóricas da macroeconomia desde a década de 1970... acabaram revelando-se distrações autorreferentes e voltadas para si mesma, na melhor das hipóteses". Uma análise excepcionalmente exaustiva, publicada na "Oxford Review of Economic Policy" sob o título "A reconstrução da Teoria Macroeconômica", leva-me à mesma posição. A abordagem canônica de fato se mostrou gravemente defeituosa. Além disso, economistas de alto nível diferem profundamente sobre o que fazer a respeito. Sócrates poderia dizer que a consciência da ignorância é muito melhor do que a ilusão do conhecimento. Se assim for, a macroeconomia está em boa forma.

Como David Vines e Samuel Wills explicam em seu excelente apanhado geral, o modelo macroeconômico central baseava-se em dois pressupostos críticos: a hipótese dos mercados eficientes e das expectativas racionais. Nenhum deles hoje parece convincente. É questionável se é sequer possível ter "expectativas racionais" em relação a um futuro profundamente incerto. Tais incertezas ajudam a explicar a existência de instituições - dinheiro, dívida e bancos - cujos efeitos são tão significativos e, no entanto, foram amplamente ignorados nos modelos padrão.

É melhor estar mais ou menos certo do que precisamente errado. Assim, a visão de Hyman Minsky sobre os perigos das tendências especulativas nas finanças estava mais ou menos certa, ao passo que muitos dos macroeconomistas mais brilhantes mostraram-se exatamente errados.

Não é suficientemente bom argumentar que o modelo canônico funciona em tempos normais. Precisamos também entender os riscos das crises e o que fazer com elas. Isto se deve em parte ao fato de as crises serem, como observa Joseph Stiglitz, ganhador do Prêmio Nobel, os eventos mais caros. Uma macroeconomia que não inclua a possibilidade de crises omite o essencial, assim como um remédio que descarte a possibilidade de ataques cardíacos.

Além disso, as crises são endógenas, ou seja, vêm de dentro da economia. São o resultado da interação entre tendências no sentido de otimismo excessivo e da fragilidade de qualquer sistema de intermediários financeiros extremamente alavancados.

Meu colega Martin Sandbu observa, em especial, a possibilidade de "equilíbrios múltiplos": a ideia de que as economias podem acabar em estados ruins que se auto-reforçam. Essa possibilidade torna vital reagir vigorosamente às crises. A primeira reação dos médicos a um ataque cardíaco é, afinal, não dizer ao paciente para seguir uma dieta. Isso só acontece após eles terem enfrentado o próprio ataque.

Portanto, uma grande questão não é apenas se sabemos como reagir a uma crise, mas se efetivamente o fizemos. Em sua contribuição, Paul Krugman, ganhador do Prêmio Nobel, argumenta, persuasivamente, em minha opinião, que os remédios keynesianos básicos - uma forte reação fiscal e monetária - permanecem corretos. Também vital é uma rápida revitalização do sistema bancário. O contraste entre a recuperação mais rápida nos EUA e os terríveis atrasos na zona do euro dá notável sustentação a essa visão. A zona do euro perdeu cinco anos antes do início da recuperação.

Uma comparação entre o que aconteceu na década de 1930 e este período pós-colapso mostra que, de fato, aprendemos algumas coisas importantes. Em comparação com a Grande Depressão, as quedas imediatas na produção e o crescimento do desemprego foram muito menores. Além disso, os preços também ficaram muito mais estáveis desta vez.

Estes são verdadeiros sucessos. No entanto, depois de uma década, o nível de produção per capita em relação aos níveis pré-crise é menos notável: a Alemanha e o Reino Unido mostraram um desempenho ainda melhor na vez anterior. Além disso, os países da zona do euro mais impactados sofreram muito, sob qualquer termo de comparação. Esta recuperação realmente não foi um triunfo.

Isso sugere que remediar uma crise enorme após sua eclosão é terrivelmente difícil. A necessidade óbvia, então, é tornar as economias mais resilientes. Mesmo que não entendamos completamente a dinâmica econômica, as lições gerais para a reforma de nossas economias parecem claras.

As economias seriam mais resistentes se fossem menos extremamente alavancadas e, em especial, se dependessem menos de estoques de dinheiro lastreados em ativos de risco pertencentes a intermediários financeiros altamente alavancados denominados bancos. Entre as soluções óbvias estão a eliminação dos incentivos à alavancagem em nossos sistemas tributários, incentivando maior uso, pela economia, de financiamento de capital e dívida que possa ser prontamente convertida em capital, elevando as exigências de reserva e de capital dos bancos e adotando rapidamente a emissão de dinheiro digital por banco centrais.

A análise da teoria macroeconômica fundamental sugere uma ignorância substancial de como nossas economias funcionam. Isso não é motivo para surpresa. Talvez nunca entendamos como tais sistemas complexos - animados, como são, por desejos humanos e por mal-entendidos - funcionam de fato. Isso não significa que tentar melhorar a compreensão seja um exercício fútil. Ao contrário, isso é importante.

Mais importante, porém, é nos concentrarmos em duas outras tarefas. A primeira é como tornar o corpo econômico mais resistente às consequências de manias e pânico. A segunda é como restaurar sua saúde o mais rápido possível. Em ambos os casos, precisamos pensar mais e fazer mais. Estes são os desafios práticos diante de nós.